

IMAGENS URBANAS E ECOLÓGICAS NA POESIA DE SOSÍGENES COSTA

Mariana Barbosa Batista (UEFS)

marybarbosabatista@hotmail.com

Aleilton Fonseca (UEFS)

1. *Sosígenes costa: o poeta de Belmonte*

Sosígenes Costa (1901-1968) nasceu na cidade de Belmonte, no sul da Bahia. Em 1926, passou a viver na cidade de Ilhéus. Ainda que se encontre em sua obra marcantes influências parnasianas e simbolistas, a modernidade poética se faz presente desde a primeira fase de sua lírica quando, ainda em vida, lança *Obra poética* (1959) e, posteriormente, com a reunião de textos inéditos e/ou publicados em periódicos, publica-se, postumamente, a sua *Obra poética II* (1978), reunida e apresentada por José Paulo Paes. Poeta de transição, sua linguagem se estabelece a partir da criação de imagens líricas da paisagem local, com traços simbolistas que se coadunam com a invenção de imagens inusitadas do mundo, fixadas através do olhar, ressaltando o aspecto da visibilidade, segundo a visão de Ítalo Calvino (1990), como uma de suas características modernas.

Aleilton Fonseca (2012), afirma que “Sosígenes Costa é um poeta do olhar” (FONSECA, 2012, p. 10), afirma ainda que “[...] seu olhar projeta-se sobre coisas, paisagens, ações, ritos, situações e ele transmuta, alegoriza, ressignifica, plasmando em linguagem lírica aquilo que visualiza- no real e na imaginação – e traduz em imagens especiais concebidas por seu poder verbal de sugestão” (FONSECA, 2012, p. 10-11). Hugo Friedrich (1978) assinala que a poética do olhar, da observação, é um dos elementos o que caracterizam a lírica moderna. Nesse sentido, Sosígenes Costa é um poeta moderno, pois a visibilidade permeia a natureza íntima de sua poesia, sempre voltada para a representação lírica das paisagens de sua região natal.

De fato, através da leitura dessa poética do olhar, revelaremos o lirismo e a postura ecológica presentes nos versos de Sosígenes Costa, fazendo o recorte no grupo de poemas destinados à sua terra natal, denominado “Belmonte, Terra do Mar”, “confrontando-os ao poema “Arquitetura e os lilases” que, contraditoriamente, faz uma crítica à arquitetura moderna das cidades e suas implicações ao meio ambiente”.

2. *Ecologia: aspectos e imagens*

A gênese da ecologia data oficialmente da segunda metade do século XIX, precisamente 1866, por meio do biólogo Ernest Haeckel, o primeiro a utilizar a expressão. Como se sabe, ecologia deriva de duas palavras gregas: *oikos*, que significa casa, morada; e *logos*, que significa conhecimento. Ambas devem permanecer em harmonia com o ambiente, o espaço que circunda.

O relacionamento entre o homem e a natureza, muito antes do surgimento da expressão ecologia, já era pauta das preocupações de filósofos, cientistas, artistas e religiosos da Antiguidade. A civilização greco-romana proclamava o poder da natureza e seus mistérios criando deuses para cada fenômeno da natureza e alegorias em que homens lutavam para sobreviver e dominar o ambiente. Já na Idade Média, atribuía ao divino todas as configurações da natureza, cabendo aos homens à aceitação incondicional da realidade. No entanto, é na Era Moderna, com o surgimento das cidades como lugar de encontro, de trocas, de comércio, de embates políticos, de instrução e da vertiginosa ampliação dos assentamentos humanos, que a natureza passou a receber especial atenção. As grandes navegações, enfrentando os mares desconhecidos, revelavam o ideal humano de conquistar a natureza. De um lado o ideal de desbravar as terras desconhecidas, do outro a concepção da natureza como um refúgio paradisíaco à agitação das cidades.

A natureza passava a ser vista não apenas como um lugar a ser conquistado, mas como um lugar de relação humana, onde o ser humano pode descansar, distanciando-se da nascente neurose urbana. Esta ressignificação da natureza ocorreu a partir da própria conquista humana da tecnologia: com novos instrumentos de navegação e todo o conjunto de novos equipamentos voltados à aventura de explorar os espaços naturais e enfrentar os lugares “inóspitos” (CASCINO, 2003, p. 20).

No *Dicionário Aurélio* (FERREIRA, 2005, p. 337), por ecologia entende-se a parte da biologia que estuda as relações entre os seres vivos e o ambiente em que vive, bem como as suas recíprocas influências. Em sua origem, a ecologia esteve voltada essencialmente para as questões biológicas e, aos poucos, outras vertentes teóricas cuidaram de associá-la à perspectiva política, social, comportamental e, em nosso caso, na literatura. Segundo Maximiliano Torres (2009, p. 82-83) pensar em ecologia é pensar o homem inserido na natureza e as relações entre humanos e humanos e entre humanos e não humanos. Vale ressaltar que, nessa pers-

pectiva, a palavra “natureza” se refere a tudo o que está em torno do ser humano e ao que lhe é interno.

Assim, verifica-se que, originalmente, a palavra ecologia, ao contrário de seu uso atual, é enfocada como toda a força originária, pela qual o ser humano manifesta o seu sentido permanente, isto é, o seu modo próprio de habitar. Podemos associar esse sentido do ecológico às proposições de Félix Guattari (2004), que em seu livro *As três ecologias*, apresenta a existência de três registros ecológicos: o Ambiental, aquele que corresponde ao relacionamento do homem com meio ambiente; o Social, que implica nas relações entre os homens; e o Subjetivo que, como o próprio nome diz, é o registro da subjetividade humana.

As convergências da ecologia com outros campos do saber, dentre os quais se encontra a literatura e a educação, deram origem à Educação Ambiental. Ao chamar a atenção para uma tomada de consciência ecológica global, o pensador francês Félix Gattari (2004) defende a premissa que deveríamos observar e agirmos no mundo baseados em uma articulação ética e política concomitantemente, ou seja, seguindo uma ótica ecosófica, cuja função seria a de articular os três registros ecológicos: o ambiental (*physis*), o social (*socius*) e o mental ou da subjetividade humana (*psique*). Tais registros devem funcionar como “vasos comunicantes” para alcançar o equilíbrio ecológico global. A ecosofia é uma expressão cunhada pelo próprio Guattari (2004), que a define como:

(...) a articulação da ecologia ambiental, ecologia científica, ecologia econômica, ecologia urbana e ecologias sociais e mentais, não para englobar todos esses aportes ecológicos heterogêneos, numa mesma ideologia totalizante ou totalitária, mas para indicar, ao contrário, a perspectiva de uma escolha ético-política da diversidade, do dissenso criador, da responsabilidade frente à diferença e à alteridade (GUATTARI, 2004, p. 10).

Essa inter-relação entre as três ecologias (a do meio ambiente, a social e a mental ou da subjetividade) apresentada por Guattari (2004) propõe uma ideia de equilíbrio. O termo *ecosofia* é um neologismo formado pela junção das palavras ecologia e filosofia, ou seja, é um conceito que aproxima atitudes ecológicas ao pensamento abstrato humano. A ecosofia social consistirá, portanto, em desenvolver práticas específicas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser no ambiente doméstico e seu contexto urbano além do trabalho, a questão será literalmente reconstruir o conjunto das modalidades do ser em grupo.

3. *Lirismo, cidade e ecologia*

Em sua poesia, nas décadas de 30 a 50, Sosígenes Costa representa as cidades de Belmonte e de Ilhéus como espaços integrados à natureza. De fato, longe de serem metrópoles modernas, estas cidades encontram-se situadas num nicho ecológico rico em mananciais de rios, igarapés, marés, manguezais, coqueirais, praias e vegetação nativa, recortada por vastas plantações de cacauzeiros, no seio da mata atlântica preservada, como uma espécie de paraíso verde e amarelo (matas e cacau), no entorno de uma verdadeira reserva natural.

Assim, na sua lírica, o poeta reconhece na cidade a presença da natureza, ora a fauna ora a flora, com detalhes plásticos e sonoros, que enriquecem sua poesia com metáforas e sinestésias de elementos naturais. A obsessão lírica de Sosígenes Costa pelas paisagens de sua terra leva-o a escrever poemas que não apenas registram sua visão sobre os aspectos físicos, mas também as práticas culturais, além de vivências cotidianas e impressões sobre a cidade e seus sentidos revelados na poesia.

Em Sosígenes Costa, a visualidade dos versos cria diversas possibilidades para estabelecer um paralelo entre a realidade e a ficção. O poeta é um contemplador do espetáculo da natureza e a impregnação visual confere-lhe um olhar ímpar diante do ambiente natural. Atualmente, muitas reflexões sobre a vivência do homem contemporâneo são elaboradas a partir do pressuposto de que as principais características de nossa era encontram-se na visualidade, na superficialidade, na aparência e no predomínio de imagens. Para captar tais características, o homem moderno busca observar o mundo em sua totalidade e, além disso, imaginar aquilo transcende a simples realidade.

Na modernidade, em meio ao acelerado processo de industrialização, o homem centra seu olhar na direção da cidade tentacular, em vertiginoso surto de crescimento e complexidade. O olhar dos artistas e dos poetas voltaram-se para captar as transformações físicas do espaço urbano, registrando-as como tema central de suas obras. Um dos primeiros poetas a observar a cidade foi Charles Baudelaire (1821-1867), um dos maiores poetas da lírica francesa do século XIX. Ao tratar do tema urbano, o poeta parisiense inaugura várias tendências poéticas, abrangendo desde os conflitos íntimos, até a angústia do artista moderno, ao ver-se solitário nos grandes centros urbanos. Por tratar da questão da decadência do homem e da tentativa de pensar a poesia na época da técnica, o autor de *As Flores do Mal* é considerado o poeta fundador da Modernidade.

Além de ser um dos primeiros a empregar o termo “modernidade”, o poeta francês realiza uma verdadeira revolução lírica, revelando a relação de interdependência existente entre o indivíduo e o ambiente ao seu redor, suas contradições e potencialidades.

4. “Belmonte, terra do mar” e “arquitetura e os lilases”

Na obra lírica de Sosígenes Costa, o conjunto de poemas “Belmonte, Terra do mar” ressalta o equilíbrio entre a cidade e a natureza. Já no poema “Arquitetura e os lilases” há uma ruptura com essa harmonia, pois o eu lírico assume uma visão radicalmente crítica sobre a arquitetura das metrópoles.

No poema “Terra do Mar”, o poeta descreve a cidade de Belmonte liricamente como um retrato que a terra natal deixou no seu imaginário da infância e que o adulto recriou, buscando conferir um tom onírico aos versos. O fundamento do poema é o nascimento da cidade de Belmonte:

O mar já passou aqui.
Depois o mar foi secando
e ficou na areia só.

Observa-se nesses versos uma referência direta ao fenômeno natural, ocorrido há mais de um século, quando houve um recuo de 1500 metros do mar, favorecendo a expansão da cidade sobre a faixa de terra livre que surgiu. Ao longo desse processo, surge a formação de um novo ecossistema, com a expansão da biodiversidade da mata atlântica. Primeiro surgem as plantas rústicas (tiririqui, corona-crista) e, posteriormente, surgem aquelas que são cultivadas pela população, como as frutíferas: carambola, cajá, goiaba. O poeta acrescenta:

De noite o morcego vem,
Voando lá no escuro
E bate no tamarindo.
Parece que fica tonto
De receber a pancada,
Larga a pitanga da boca.
Como pedrada se ouve
A fruta no chão caindo.

(COSTA *apud* FONSECA, 2012, p. 122).

O simples fato de o morcego deixar o fruto cair sobre o solo poderá, a partir da propagação das sementes, possibilitar o surgimento de uma

nova árvore frutífera, promovendo a interação entre a natureza e o homem, pois este será agraciado com os frutos posteriores.

Ainda que ocorram essas transformações físicas, o poeta apresenta a cidade em contiguidade com a natureza, ambas crescendo harmoniosamente. Sosígenes Costa mistura construções humanas com a natureza, exaltando a beleza das paisagens com imagens marcantes, como se observa no fragmento a seguir:

Primeiro casas de palha,
depois as casas de telha
e os sobrados e os passeios.
Agora tem muita casa.
Nos quintais há muita planta:
carambola, jenipapo,
jaca-de-pobre, cajá,
pé de banana e goiaba,
figo na casa dos gringos
e uva até nesta casa.

(COSTA *apud* FONSECA, 2012, p. 120).

Em “Arquitetura e os lilases”, no entanto, há um discurso incisivo em relação aos modelos arquitetônicos atuais das grandes cidades. Há uma discussão no poema da imagem dos edifícios modernos que contrastam com o meio ambiente, impedindo-nos de perceber o ambiente circundante. Trata-se de uma crítica radical à arquitetura de cimento *versus* o vegetal, à concorrência entre o espaço construído e a natureza:

Em frente do edifício,
Quatro pés de lilases
Com seus perfumes adejantes
Estão remindo os nossos pecados.

A transgressora arquitetura
Que ali adiante no museu
É uma pirâmide invertida
Com metade soterrada
Mas em verdade equilibrada
Na ponta de um pião,
Aqui aumenta seus pecados
Pois é uma torre quadrada
Não fixada na pedra,
Mas sobre a areia apoiada.

(COSTA *apud* FONSECA, 2012, p. 197)

Na abertura do poema há a descrição de um pilar fixado por quatro “pés de lilases” como clemência da natureza em face do edifício, que,

construído por ferro e cimento, – o que para o poeta é considerado uma transgressão –, surge, ainda, como um “pecado” da vida moderna, já que não está fixada na pedra como as cachoeiras e pedreiras, mas sim “uma torre quadrada” apoiada por “areia” e ferros.

De fato, diante cidade moderna que se transforma continuamente, o poeta está sujeito ao choque, ao estranhamento, pois este espaço que se modifica diariamente torna-se sempre algo novo, imagens lhe causam estranhamento. O desconforto do poeta talvez tenha origem no fato de haver vivido sua infância numa cidade pequena e interiorana, Belmonte, composta por casas térreas, jardins e quintais, e passado a adolescência em Ilhéus, que embora seja uma “cidade maior”, conseguia manter sua feição interiorana devido à preservação de suas paisagens naturais.

Ao estabelecer o contraste entre a arquitetura da cidade moderno e a paisagem natural, o poeta assume um discurso crítico. Na sua visão, o apartamento é uma prisão, pois essa “moderna arquitetura/ enjaulou a juventude”. A juventude “enjaulada” tal como os lilases, busca em vão adaptar-se às novas circunstâncias de vida. Há aqui uma crítica à ideia de encerrar os jovens em apartamentos pequenos, como os lilases em minúsculos canteiros de cimento. Em *Sosígenes Costa: melhores poemas* (2012), Aleilton Fonseca descreve a angústia pela qual passa o poeta:

Aos olhos do poeta grapiúna, acostumados, a colher poesia nos montes belmontinos, nas águas do Rio Jequitinhonha, à sombra dos coqueiros e dos cacauais e à beira-mar ilheense, de fato a sensação poderia ser de um exílio na metrópole. E a metrópole tem razões que não obedecem às necessidades da poesia. Ela tem sua lógica e impõe a racionalização econômica do espaço físico, sob o modelo de uma arquitetura prática que ignora o que seja a “beleza lírica” (FONSECA, 2012, p. 17).

Segundo Fonseca, o poeta, ao se deparar com a arquitetura moderna e racional das metrópoles, perde o sentido de si, como se fisicamente estivesse nessa urbe, mas não se sentisse parte integrante dela, pois sua alma de poeta não pertence àquele lugar. É como se vivesse nessa metrópole como um exilado, sem que pudesse usufruir do seu mundo particular. O poeta, diante dessa arquitetura urbana de cimento, mostra a necessidade de intervir nessa realidade, ainda que apenas através da palavra.

5. Considerações finais

Em *A Nova Ordem Ecológica*, o francês Luc Ferry, afirma que “o sistema ecológico, a *ecosfera*, é a realidade da qual os homens não são

senão uma parte. Eles estão aninhados nela e são totalmente dependentes dela. Tal é a fonte de valor intrínseco do meio ambiente” (FERRY, 2009, p. 131- grifos nossos).

Sosígenes Costa em “Terra do Mar” revela as construções humanas e a natureza, configuradas entre o onírico e o real, entre fatos e memórias. Neste poema, essa integração registra-se e reconhece-se pela percepção do poeta ao descrever um ambiente no qual se equilibram o espaço construído e a natureza circundante, em imagens que se ajustam em harmonia. Em “A arquitetura e os lilases”, cujo teor crítico e talhe moderno são explícitos, o poeta revela o homem e a modernidade como seres aprisionados e subsumidos pelo caos da urbe enorme. Dissociados da natureza, presos em “caixas de cimento”, esse homem perde a essência e o prazer de pisar no chão e sentir na pele o toque da natureza.

Em Sosígenes Costa, o lirismo ecológico se apresenta através das metáforas dos elementos naturais, das alegorias paisagísticas, e do contraste da natureza *versus* o cimento da construção dos edifícios. O poema “Terra do Mar” é uma espécie de inventário, pois o poeta considera que a terra foi uma dádiva do mar, como uma herança legada aos moradores da cidade. A natureza é referida em situação de contiguidade com a cidade e ambos interagem harmonicamente sem promover danos ou sofrimentos, e sim lembranças, memórias, poesia. Já em “Arquitetura e os lilases” o poeta se vê diante de uma cidade degradada e caótica, experimentando um estranhamento que chega a ferir seus olhos sensíveis. Na ânsia de abarcar a cidade grande como fazia em sua cidade natal, o poeta sente-se impotente diante da grandiosidade dessa urbe, mas, ainda assim, está embebido de matéria criativa para compor seus versos. Sua poesia busca a ampliação do conhecimento, da sensibilidade da percepção crítica do mundo.

Sosígenes Costa é um poeta que consegue destacar, a partir da observação dos diversos aspectos ambientais, os elementos líricos dispostos nas paisagens, nos recursos naturais, na fauna e na flora. Assim, o seu lirismo assume uma feição ecológica, ao evidenciar as imagens do ambiente natural e os sentidos da tematização crítica e afetiva do *Oikos* na poesia do século XX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio júnior*. Coord.: Marina Baird e Margarida dos Anjos. Curitiba: Positivo, 2005.

- BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 9. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.
- CALVINO, Italo. *Seis propostas para o novo milênio*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- CASCINO, Fábio. *Educação ambiental: princípios, história, formação de professores*. 3. ed. São Paulo: Senac, 2003.
- COSTA, Sosígenes. *Obra poética*. São Paulo: Pacce/Cultrix, 1978.
- DIAS, Genebaldo Freire. *Educação ambiental: princípios e práticas*. São Paulo: Gaia, 1991.
- DAMULAKIS, Gerana. *Sosígenes Costa: o poeta grego da Bahia*. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo, 1996.
- FERRY, Luc. *A nova ordem ecológica. A árvore, o animal e o homem*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- FONSECA, Aleilton. *Sosígenes Costa: melhores poemas*. São Paulo: Global, 2012.
- MATTOS, Cyro de; FONSECA, Aleilton. *O triunfo de Sosígenes Costa*. Ilhéus: Editus, 2004.
- GATTARI, Félix. *As três ecologias*. 15. ed. Trad.: Maria Cristina F. Bitencourt. Campinas: Papyrus, 2004.
- VIEIRA Liszt; BREDARIOL, Celso. *Cidadania e política ambiental*. Rio de Janeiro: Record, 1998.
- BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Trad.: Teixeira Coelho. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- TORRES, Maximiliano Gomes. *Literatura e ecofeminismo: uma abordagem de “A força do destino”, de Nélia Piñon e as “Doze cores do vermelho”, de Helena Parente Cunha*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 177 p. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Literatura da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.